



CRONOLOGIA DO CONHECIMENTO

MARCELA MARTIN VILA NOVA SILVEIRA SILVA

marcelavilanova@hotmail.com



Recife-PE

2009



CRONOLOGIA DO CONHECIMENTO

MARCELA MARTIN VILA NOVA SILVEIRA SILVA ¹

marcelavilanova@hotmail.com

Resumo: O presente artigo faz uma breve análise cronológica sobre o conhecimento, sendo dividido em duas etapas. Primeiramente tem como objetivo mostrar as principais idéias filosóficas que nortearam o pensamento ocidental, numa exposição que vai desde o Período Clássico até o Moderno. Posteriormente preocupa-se em acentuar o aspecto econômico que o conhecimento adquiriu na Pós-Modernidade.

Palavras-Chave: Cronologia. Conhecimento. Pós-Modernidade.

Abstract: This article makes a brief chronological analysis about knowledge, being divided in two stages. Firstly, the aim is to show the main philosophical ideas that guided the occidental thought patterns, in a presentation that stretches right from the Classic Period up until the present day. Later it is concerned about stressing the economic aspect that knowledge has acquired in Post-Modernization.

Key Words: Knowledge. Gnoseologia. Philosophical analysis.

O texto exposto foi escrito devido à relevância do tema abordado. Este trabalho pretende ampliar a visão dos leitores sobre algo que está constantemente presente na vida dos seres humanos numa dinâmica imperceptível, e que é a nota caracterizadora da razão: o conhecimento. Numa divisão histórica, é possível contemplar nas linhas seguintes as principais ideologias surgidas sobre o conhecimento e sua forma de aquisição, bem como a necessidade de sua ampliação nos tempos contemporâneos.

A palavra conhecimento tem sua origem etimológica no latim *cognoscere*, que por sua vez significa procurar saber, conhecer. Ontologicamente consiste na “apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados, tendo em vista dominá-los e utilizá-los”² ou, em outras palavras, a representação mental de uma imagem, idéia ou

¹ Graduanda em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau e estagiária do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco. E-mail: marcelavilanova@hotmail.com.

² JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006., p. 53.



conceito.

A Gnoseologia (do gr. *gnosis*: conhecimento, e *logos*: teoria, ciência) é a parte da filosofia que se preocupa em estudar “a origem, a natureza o valor e os limites da faculdade de conhecer”³. Ao contrário do que aparentemente nota-se, tal ramo da filosofia é distinto da Epistemologia (do gr. *episteme*: ciência, e *logos*: teoria), sendo esta última um campo mais restrito, preocupado, em síntese, com a gênese e a estruturação dos conhecimentos científicos, enquanto a primeira abrange um sentido mais amplo da análise e dos tipos de conhecimento.

Como ramo autônomo, a Gnoseologia não existia na Antiguidade nem na Idade Média, apesar das teses propostas pelos filósofos clássicos Platão e Aristóteles.

A disciplina da Teoria do Conhecimento só veio de fato existir em 1690 com a obra de John Locke, intitulada *Na essay concerning human understanding*, onde o conhecimento passou a possuir um escopo sistematizado.

As especulações quanto ao conhecimento e sua forma de aquisição vieram a ser notórias a Partir de Platão. O discípulo de Sócrates acreditava ser impossível obter o verdadeiro conhecimento no plano das sensações. Permanecer em tal patamar seria acolher como verdadeiro o relativismo dos sofistas, completamente desprovidos de segurança e estabilidade. Platão acreditava que existem “formas ideais” ou “essências” de todas as coisas sensíveis. Em outras palavras, para cada coisa existente de forma empírica, há no Mundo das Idéias um modelo eterno daquilo que é captado pelos sentidos, como deixa claro em seu diálogo *Fédon*.

Partindo dessa premissa, crê o mestre que o conhecimento não seria nada mais que uma reminiscência da alma humana, que um dia, antes de prender-se ao corpo, contemplara no Mundo das Idéias as imagens perfeitas, e à medida que encontra suas cópias imperfeitas recorda-se dos modelos intemporais e incorpóreos, numa escalada do conhecimento intermediada por *Eros*, o amor, responsável pela união entre o sensível e o inteligível.

Aristóteles, por sua vez, possuía entendimento diferente. Para ele, o verdadeiro conhecimento só é atingido quando as causas do ser são enunciadas, visto que só é possível o conhecimento de algo quando sabemos o seu porquê. Complementa o discípulo de Platão dizendo que todo ser possui quatro causas, a saber: causa material, que consiste em dizer do que o evento é formado; causa formal, aquela que diz a forma como o evento se dá; causa

³ Idem, *Ibidem*, p. 122



eficiente, conceituada como o porquê de algo ter acontecido e, por sua vez, a causa final, que explica para que algo aconteça.

O filósofo também elabora teses epistemológicas, dizendo ser a ciência algo distinto da opinião (*doxa*), “*que varia de acordo com as situações, os sujeitos e as mutações da realidade*”⁴. Elucubra também sobre os axiomas científicos e a necessidade de se obter uma sistematização de conhecimentos, ordenados de forma lógica.

Estes dois clássicos da filosofia grega deixaram grandes influências para os pensadores posteriores. O Platonismo e o Aristotelismo proporcionaram à cultura ocidental um pensamento emanante das mais diversas e contraditórias teses. Em relação ao conhecimento não foi diferente. Grandes nomes da filosofia moderna cogitaram sobre o tema, destacando-se Bacon, Descartes, Locke, Espinosa, Leibniz, Berkeley e Hume, que desenvolveram o assunto de forma mais concreta.

Desses nomes do Período Moderno surgiram as duas principais orientações metodológicas que tentam explicar, num contexto de mudanças provocadas pelo Renascimento, a verdadeira forma de obtenção do conhecimento: o Racionalismo e o Empirismo.

O Racionalismo (do lat. *ratio*: razão) é a corrente filosófica que atribui à razão humana a qualidade de monismo pelo qual é possível se chegar à verdade. Nas palavras de Hegel: “Aquilo que é racional é real, e o que é real é racional”.

Para os adeptos dessa teoria, só as experiências anteriores à sensação (*a priori*), por serem inatas, imutáveis e iguais em todos os homens, podem oferecer um conhecimento confiável. A experiência sensível é relativa e instável.

Descartes, um dos grandes vultos desse pensamento, afirma em seu livro *O Discurso do Método*, que o homem, por ser um animal racional, possui a faculdade de bem julgar e discernir o certo do errado, todavia nem todos utilizam de maneira correta a razão, daí a necessidade de um método, ou seja, um caminho que nos leve de maneira segura à aquisição da verdade. Com isso, propôs ele um método universal possuidor de quatro regras: regra da evidência; da análise; da síntese e do desmembramento.

Por método eu entendo regras certas e fáceis, graças às quais todos aqueles que as observarem corretamente jamais suporão verdadeiro aquilo que é falso, e chegarão, sem fadiga e esforços inúteis,

⁴ REZENDE, Antônio. *Curso de Filosofia*. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005., p. 72.



aumentando progressivamente sua ciência, ao conhecimento verdadeiro de tudo o que podem atingir.⁵

De modo completamente distinto chegam os Empiristas (do gr. *empeiria*: experiência sensorial) às suas conclusões. A despeito das diferenças entre as teses dessa corrente, para eles a mente é considerada um receptor de tudo aquilo que é captado mediante os sentidos. Locke sintetiza bem a idéia central dizendo: “nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos”.

Para os empiristas, a forma ou método de se obter a verdade consiste na indução, ou seja, na generalização a partir de uma experiência com características constantes, sendo, no entanto, tal pensamento refutado pelo mais radical dos empiristas, o pensador David Hume, que afirmava ser a causalidade nada mais que um hábito obtido pelas nossas mentes, que nos leva à convicção que os fenômenos possuem essa propriedade de constância.

Juntamente com a relevância filosófica que o tema continua a ter contemporaneamente, o aspecto infra-estrutural do conhecimento ganha contornos cada vez maiores. A Pós-Modernidade, nesse aspecto, pode considerar como seu marco inicial “a passagem das relações industriais para as pós-industriais, baseadas fundamentalmente em serviços e trocas de bens simbólicos ou abstratos, como a informação (...)”⁶.

Com a passagem do Período Industrial para o Pós-Industrial, houve a necessidade da busca do conhecimento. Os anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial foram marcados pela célebre frase “Informação é poder”. Quem fosse o detentor da técnica seria uma peça de extrema importância na pesquisa do crescimento da produção industrial. Os informados e constantemente atualizados teriam as portas sócio-econômicas abertas.

A primeira sociedade a investir na Era do Conhecimento foi a Rússia. Investindo maciçamente na tecnologia, foram os pioneiros na corrida espacial, lançando o primeiro satélite espacial (Sputinick). Logo em seguida, os Estados Unidos reavaliaram seu modo de enxergar a economia, passando também a serem os detentores de um verdadeiro império intelectual.

Com a crescente Globalização, a Era do Conhecimento já atinge quase todos os países, além de paulatinamente estar tornando seu espaço de ação cada vez maior. As necessidades atuais fazem com que o âmbito filosófico seja constantemente ampliado, tornando a informação um verdadeiro sistema que abrange os mais diversos setores.

⁵ Idem, p. 104 e 110.

⁶ Enciclopédia virtual Wikipédia.



Hoje não é preciso apenas saber aquilo que é do interesse e área do próprio indivíduo, mas tornar-se um *expert* em assuntos que fogem do perímetro lógico...

REFERÊNCIAS

ESCHER, M. C. **Teoria do caos**. Disponível em: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl>. Acesso em: 11/12/2008. (Imagem – Marca D'água).

FARIA, Maria do Carmo Bettencourt de. O realismo aristotélico. In: REZENDE, Antônio. **Curso de Filosofia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. cap. 3, p. 69-87

FILHO, Edmundo Lellis. Teoria do Conhecimento. In: **Filosofia da Ciência Aeronáutica**. out. 2005. cap. 3. Disponível em:

<<http://www.edmundolellisfilho.com/Teoria%20do%20Conhecimento%20Cap%C3%ADtulo%203.htm>>, Acesso em: 01 ago. 2007.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 309 p.

OLIVEIRA, Cristina G. Machado. **Racionalismo e empirismo na filosofia moderna**. Disponível em < <http://www.filosofiavirtual.pro.br/racionalismo.htm> >, Acesso em: 02 ago. 2007.

OLIVEIRA, Elysio Mira Soares de. **A internet: Início de uma era de mudanças**. Disponível em < <http://www.elysio.com.br/site/artigo6.htm> >, Acesso em: 02 ago. 2007.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão e as Idéias. In: REZENDE, Antônio. **Curso de Filosofia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. cap. 2, p. 51-68.

WIKIPÉDIA. **Pós-Modernidade**. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernismo#G.C3.AAnese_Hist.C3.B3rica_da_P.C3.B3s-Modernidade >, Acesso em 01 ago. 2007.